

O ENCOBERTO

NATÁLIA CORREIA

2.ª Edição



fernando ribeiro de mello
EDIÇÕES AFRODITE

O
ENCOBERTO





PERSONAGENS

BONAMI — D. SEBASTIÃO
D. JOÃO DE CASTRO
CRISTÓVÃO DE MOURA
FILIPE II
FLORIANA — MOURA HURIÁ
JU-JU
CAPITÃO
LICENCIADO (e depois Físico
Belchior do Amaral)
ALESSANDRO
MARQUÊS

DUQUE
CONDESSA
MULHER DO CAPITÃO
JUIZ
FREI DIEGO
O ARAUTO
TRÊS CATADEIRAS DE PIOLHOS
OS PADRES
OS BANQUEIROS
UM CARRASCO

e Mendigos, Bêbedos, Vendedeiras de fruta e hortaliça, Rufias, Homens e Mulheres do povo de Lisboa, Guerrilheiros, Vivandeiras, Padeiros, Cozinheiras, Alfaiates, Prostitutas.



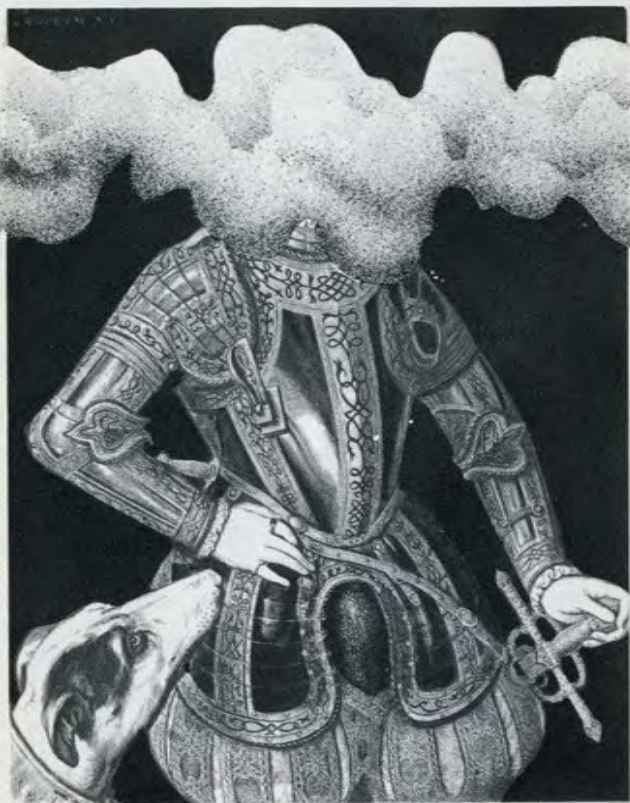
FICHA TÉCNICA

título	O ENCOBERTO — TEATRO
autor	NATÁLIA CORREIA
coleção	AUTORES II
capa	NUNO AMORIM
fotos da representação	NUNO CALVET
edição e arranjo gráfico	EDIÇÕES AFRODITE
copyright	NATÁLIA CORREIA / ED. AFRODITE

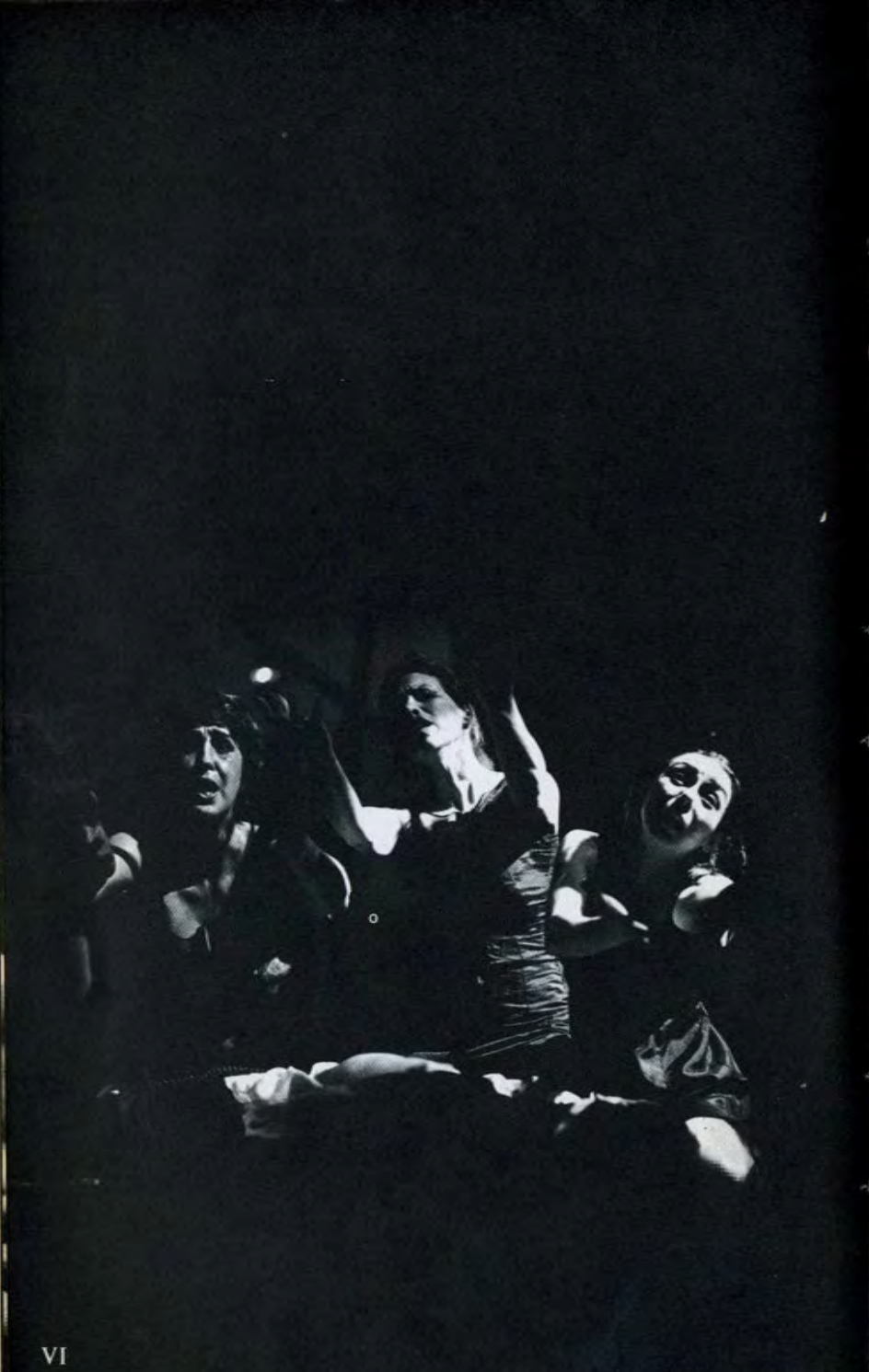


O
NATÁLIA CORREIA
ENCOBERTO

2.ª Edição



fernando ribeiro de mello
EDIÇÕES AFRODITE





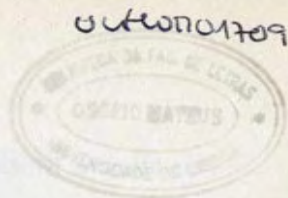


O ESPECTÁCULO



1.ª CENA — 1.º ACTO

REPERTÓRIO - Coop. Portuguesa de Teatro



O ENCOBERTO

DE NATÁLIA CORREIA

Música de FERNANDO GUERRA

Assistência coreográfica de ISABEL SANTA-ROSA

Realização plástica de LIMA DE FREITAS

ENCENAÇÃO DE CARLOS AVILEZ

Assistência Musical JORGE MACHADO
Acompanhamento ao Piano . . . CARLOS AZEVEDO
Execução Cenográfica . . . BARATA DE CARVALHO
Execução do Guarda-Roupa . . sob a orientação de
JOSEFINA SOARES
Assistente de Encenação CARLOS CABRAL

FICHA TÉCNICA

Contra-Regra JOSÉ MATOS
Chefe Maquinista . . . ANTONIO JOSÉ DE MATOS
Ajudante Maquinista . . . MANUEL V. MACHADO
Chefe de Varanda JOSÉ CARLOS SEIXAS
Chefe Electricista JOSÉ CALVINHO GRILO
Operador de Som ALVES DO RIO
Operador de Luzes ARMANDO MARTINS
Ajudantes de Contra-Regra LUÍS OLIVEIRA,
FERNANDO AGOSTINHO
e LUÍS FILIPE POUPINHA
Ponto ADELINA MATOS

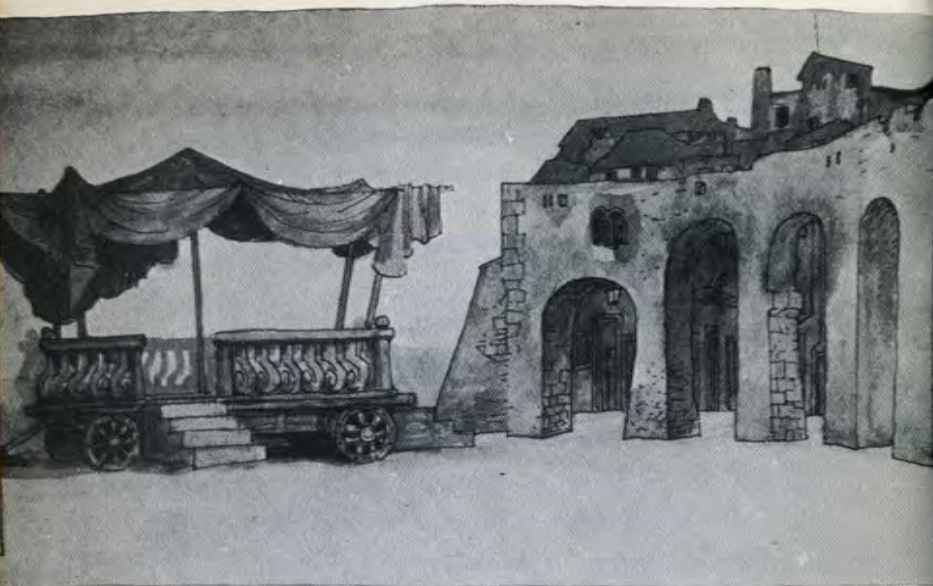
ACTORES E PERSONAGENS

(por ordem alfabética)

ANDRADE E SILVA — Marquês
ANTÓNIO ABEL — 3.º Rapaz
ARMANDO CORTEZ — D. João de Castro
BENJAMIM FALCÃO — Alessandro e Capitão
CARLOS CABRAL — Belchior do Amaral
CARLOS MARTINS — Rapaz da Coroa de Espinhos
CARLOS VERISSIMO — Filipe II
CATARINA AVELAR — Floriana-Moura Huria
CLARA MARIA — 3.ª Catadeira
FERNANDA BORSATTI — 1.ª Catadeira
FRANCISSCO BRÁS — 2.º Rapaz
HERMINIA TOJAL — Ju-Ju
JOÃO DE CARVALHO — Frei Diego
LEONOR POEIRA — 2.ª Catadeira
LISETTE FRIAS — Mulher de Negro
LUIS RODRIGUES — 1.º Rapaz
LUIZA SALGUEIRO — Mulher do Capitão
MADALENA BRAGA — Condessa
RUI DE CARVALHO — Bonani-D. Sebastião
TELMA JOÃO — Rapariga
VASCO DE LIMA COUTO — Duque
VERÓNICA — Mulher do Cabareth
VÍTOR DE SOUSA — Cristóvão de Moura

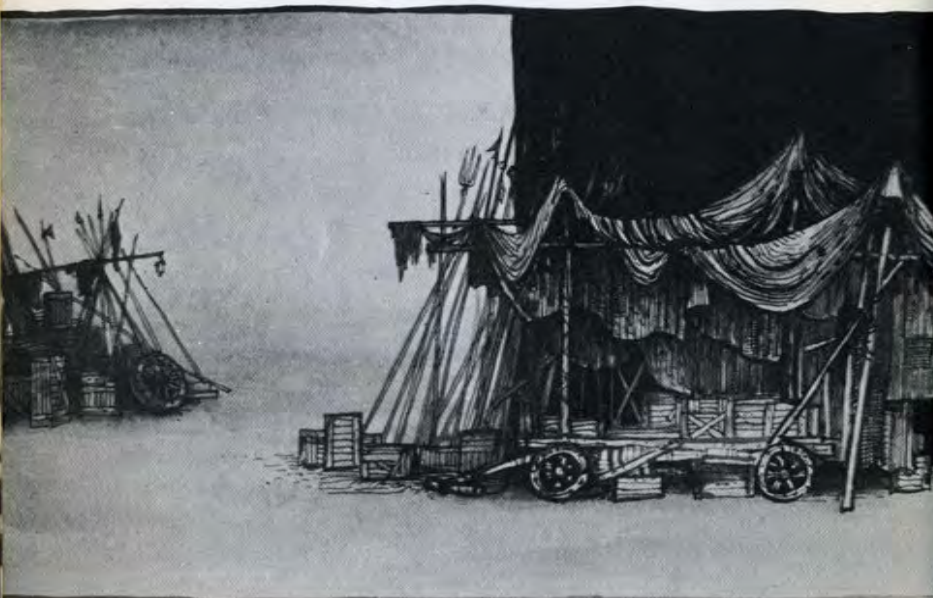
e

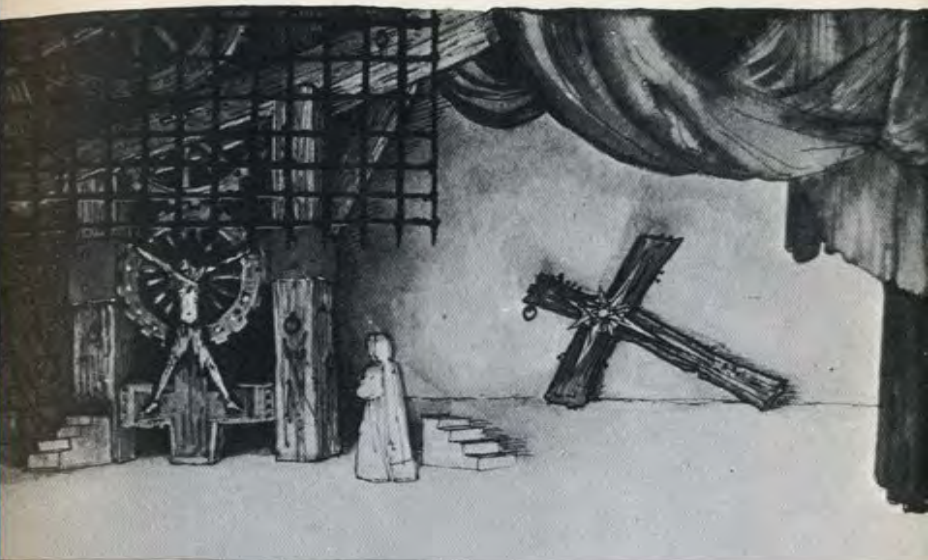
Mendigos, Bêbados, Vendedeiras de fruta e hortaliza, Rufias, Homens e Mulheres do Povo de Lisboa, Guerrilheiros, Vivandeiras, Padeiros, Cozinheiros, Alfaiates, Prostitutas.



2.ª CENA - 2.º ACTO

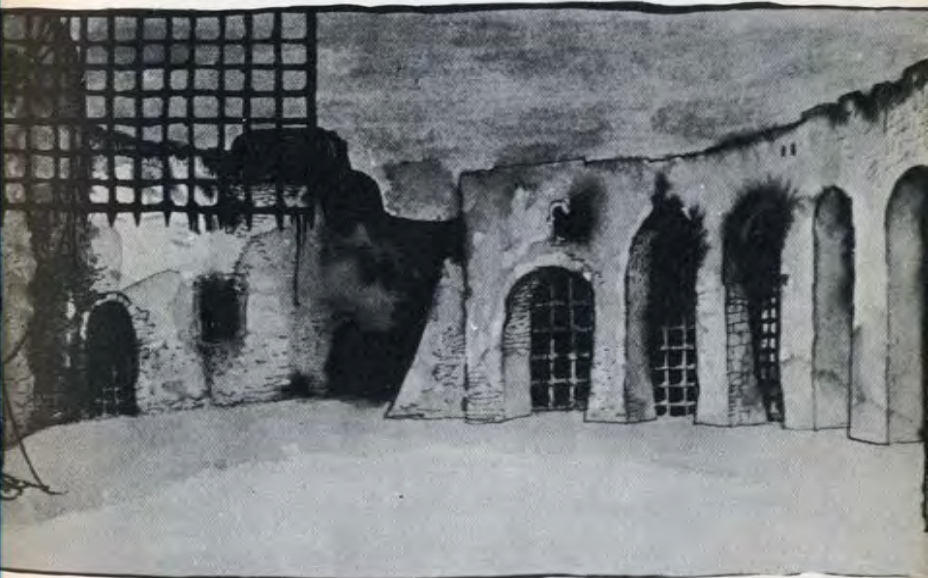
1.ª CENA - 2.º ACTO





CENA DA TORTURA - 3.º ACTO

FIM DO 2.º ACTO



Esta edição reproduz rigorosamente o texto da primeira publicada em 1969 e proibida de circular pela censura então vigente. A representação agora em cena de "O Encoberto" também respeita integralmente este texto.

PRIMEIRO ACTO

Desenvolve-se num largo da Corte-Cantaria, bairro nobre e elegante da Praça de São XV. Representa por aqui uma nobre e respeitável família, sob a sua presidência um digno, no fundo, e despojado. Por cima do palco vê-se uma lousa: O Purgatório dos Camandães. As cortinas estão abertas. O palco, decorado por bandeiras, alfama, vasos e pedicelares de fruta e heráldica, tem-se a decorar com grãos e de colinas e pedicelares e suspensões. Fervora aparece por entre as cortinas, e, apitando de volta ao ar, esforça-se por fazer-se ouvir.

FÁBULA

Allegorizada, (Molinos) sobre a sua vida e vida, humo sentimental. O espectáculo vai prosseguir dentro de tentativas. E não falta de saber

Estamos num largo da Corte-Contarina, bairro miserável e mal-afamado da Veneza do século XVI. Bonami e os seus comediantes apresentam o seu espectáculo num palco, sobre um praticável com degraus, no fundo, à Esquerda. Por cima do palco lê-se numa tabuleta: O Purgatório dos Comediantes. As cortinas estão corridas. O público, constituído por mendigos, bêbedos, rufias e vendedeiras de fruta e hortaliza, incita os actores com gritos e assobios a proseguirem o espectáculo. Floriana aparece por entre as cortinas e, agitando as mãos no ar, esforça-se por fazer-se ouvir.

FLORIANA

(Consequindo, finalmente impôr a sua voz.)
Calma, illustre assistência! O espectáculo vai proseguir dentro de instantes. É só o tempo do Senhor

Bonami, primeiro actor desta famosa companhia de comediantes, mudar de trajo.

ALGUMAS VOZES

Não queremos Bonami.

1.º RUFIA

Ê um chorão.

1.ª VENDEDEIRA

Para desgraças já nos chegam as nossas.

UM MENDIGO

Isso de lágrimas é o suor dos ricos.

2.ª VENDEDEIRA

Pudera! Se não chorarem rebentam de esterco.

A Vendedeira remata a frase com uma gargalhada que desencadeia outras na assistência.

2.º RUFIA

Preferimos ver-te rebolar as nádegas.

1.º RUFIA

Isso, isso. Dança uma sarabanda.

FLORIANA

Digníssimos senhores e insignes damas! O nosso espectáculo dirige-se aos sentimentos mais elevados do público. Em seguida, teremos a honra...

1.º RUFIA

Deixa-te de dar à língua e trata mas é de dar ao rabo.

UM BÉBEDO

Pobres da Corte-Contarina! Sois uma verdadeira aberração. O espírito é uma invenção das privações. Não sois dignos do nome de desgraçados.

1.º RUFIA

Cala o bico, borrachão! Estás podre de bêbedo e queres chatear os outros com o ranho da tua alma.

O BÉBEDO

Um homem já não pode ter sede.

2.º RUFIA

(*Para Floriana.*) Então, isso começa ou não começa?

FLORIANA

Em seguida teremos a honra de interpretar para Vossas Excelências o entremês intitulado «As Desventuras do Rei Encoberto Que Para Penar Seus

Pecados Palmeia o Mundo Sujeito Às Agruras Do Mesmo A Fim De Ser Perdoado Pelo Senhor E Regressar Ao Seu Reino».

O emigrado português D. João de Castro vem à Corte-Contarina onde, segundo as informações do veneziano Alessandro, poderá encontrar D. Sebastião que para os maus patriotas é um cadáver, enquanto que para os que se opõem à ocupação estrangeira, continua vivo e não está longe o dia em que virá reivindicar a sua coroa. D. João de Castro é um homem pálido com algo de místico e distante. Tem uma barba negra que contrasta com a sua palidez seráfica. Pode ver-se nele a caricatura do idealista. Alessandro é um vadio palavroso e obviamente trapaceiro. Entram pela Direita e dialogam no proscénio. Floriana desapareceu por detrás das cortinas e o público que enche a praça distribui-se em grupos.

ALESSANDRO

Um rei por dez escudos! Concorda que é uma verdadeira pechincha. Fiz esse preço atendendo à tua pelintra situação de exilado político.

D. JOÃO DE CASTRO

Não te arrependas, Alessandro. São dez escudos de glória. Com eles salvas um povo.

ALESSANDRO

Pois aí é que está. Sou um lamechas incorrigível. Mas o sentimentalismo tem os seus riscos. Até me exponho a que duvides da autenticidade da mercadoria.

D. JOAO DE CASTRO

Quem é que fala em duvidar? Deixo as dúvidas aos mediócrs. A minha alma é grande. É a alma de um povo que quer sobreviver. Soou a hora de fazer um pacto com os profetas. Contra estes, o suplício, a fogueira, o gotejar do veneno doce da corrupção, nada podem. Desejar absurdamente o impossível, eis a escolha que resta aos portugueses. Os que chamam demência a este legítimo anseio, mais não fazem do que ocultar sob a descrença a sua vocação para escravos.

ALESSANDRO

É assim mesmo, camarada. Com que então não acreditam em fantasmas? Querem que a Humanidade se perca para sempre. Pois agora é que se vai ver. Porque se o actor Bonami não é D. Sebastião em carne e osso que eu seja devorado pelo espírito do lucro. Olha que ninguém me contou. Vi com os meus próprios olhos. Quando Bonami entrou na taberna do Francesco, um exilado português correu para ele como se visse uma aparição, lançou-se aos seus pés e gritou: «Senhor, Senhor, reconheço-vos! Fui um dos vossos soldados e bem vos vi em Alcácer Quibir. Sois o nosso Rei D. Sebastião que para expiar as suas culpas anda em penitência pelo mundo.» Com uma descrição verdadeiramente principesca, Bonami fê-lo levantar e disse: «Amigo, é verdade que posso ser